



DA TELEVISÃO AO CARNAVAL: UMA BIOMIDIOLOGIA DO ARRASTÃO

Flávio Mário De Alcântara Calazans

Livre-Docente pela UNESP

Doutor pela ECA USP

Professor da Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero.

www.calazans.ppg.br

1. INTRODUÇÃO

O estudo das formas de comportamento coletivo denominadas genericamente como multitudinárias (Multidão) apresenta-se como tema complexo e multidisciplinar, sendo a BIOMIDIOLOGIA o paradigma mais adequado à sua análise.

Objetivando uma melhor compreensão destes fenômenos tão corriqueiros no ambiente social dos grandes centros urbanos contemporâneos, os quais encontram-se interligados com o problema psico-social dos meios de comunicação de massa nos cidadãos, torna-se imprescindível recorrer a diversas disciplinas para coletar argumentos que melhor exponham as múltiplas facetas dos fenômenos sociais biomidiaticamente.

Tal cruzamento de campos divergentes pode pretender indicar futuros ângulos de abordagem dos comportamentos coletivos com implicações neurológicas e bioquímicas, as quais poderão vir a ser desenvolvidas pelos biomidiólogos posteriormente.

2. A MENTE DA MULTIDÃO: FAREJANDO FERORMÔNIOS?

Bio em grego significa VIDA (como em Biologia) e MIDIOLOGIA é uma Teoria criada por Régis Debray em 1993-Paris, como releitura atualizada das teorias do pesquisador canadense MacLuhan; a Biomidiologia propõe-se a ser um campo de pesquisa recortando os efeitos colaterais diretos ou indiretos da Mídia em formas de vida. **BIOMIDIOLOGIA**, pode ser definida como um ramo de pesquisa derivado da Midiologia o qual estuda as relações Biossemióticas entre signos veiculados pela midiosfera, mídia eletrônica (Videosfera-



Televisão, Internet, etc.) os quais afetam direta ou indiretamente formas de vida biológica quer seja em sua fisiologia ou comportamento.

Muitos são os ramos das ciências sociais modernas, contudo, em todos eles encontram-se como objeto de estudo as formas de comportamento dos espécimes ou organismos individuais quando em grupo, em conjunto com outros elementos da mesma espécie, agindo socialmente.

Como afirma Cândido Teobaldo de Souza Andrade, "estamos preocupados... com os agrupamentos espontâneos que se originam da 'inquietação social', frente a questões que não podem ser resolvidas pelos métodos rotineiros, dentro de um sistema regular de padrões de comportamento e de atitudes". (1)

Todavia, estas formas de comportamento coletivo (denominadas multidão, massa e público) fundamentam-se em um antigo axioma cuja origem histórica encontra-se na aurora da moderna Psicologia. "Crowd behavior - crowd Psychology (mass Psychology) - was one of the first areas of debate and investigation in social psychology..." (2), sendo que a maioria dos autores credits o pioneirismo a Gustave Le Bon.

O próprio Sigmund Freud afirmava: "... tomei como base de toda minha posição a existência de uma mente coletiva, em que ocorrem processos mentais exatamente como acontece na mente de um indivíduo". (3) "... voltemo-nos para a mente grupal. . . o próprio Le Bon nos mostra o caminho apontando para sua semelhança com a vida mental dos povos primitivos e das crianças". (4)

"Autores como Durkheim falam do grupo como uma entidade mental. "A mentalidade individual", escreve ele, "ao formar grupos, faz nascer um ser. . . que constitui uma individualidade psíquica de um novo tipo." (5)

Segundo a socióloga Maria Benedita Della Torre, "sob a ação de uma emoção ou impulso comum, um agregado físico de pessoas, transitório e instável, é capaz de ação conjugada: pode linchar, apedrejar, sublevar-se, ovacionar. A este agregado humano chamamos multidão. A multidão caracteriza-se por exigir: a) presença física dos indivíduos em contatos diretos e temporários; b) um interesse comum, direção comum, participação nos sentimentos e emoções. Na multidão há contágios psíquicos de emoções, sentimentos e idéias produzidos pelos contatos físicos (Gabriel Tarde). Há o fenômeno do contágio mental..." (6)

Ao que acrescenta Paulo Dourado de Gusmão: na multidão o homem se mostra muito sugestível. . . desencadeando uma reação em cadeia incontrolável e imprevisível".

1 Trabalho apresentado na Sessão de Temas Livres, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

(7). Ora, já se torna possível perceber que tal **mente coletiva** apresenta uma característica de "contágio mental" ou "reação em cadeia" entre os indivíduos que compõem tal grupo com proximidade física.

Por outro lado, talvez o conceito de "mente coletiva" possa ser anterior ao precursor da Psicologia de Massa e Multidão, Gustave Le Bon, pois, segundo o próprio Le Bon, "numerosos fatos... observados nas formigas e nas abelhas por um sábio acadêmico, Gastão Bonnier, conduziram-no a atribuir aos insetos uma faculdade por ele denominada raciocínio coletivo... Os fatos observados nos insetos igualmente se observam em animais superiores. . .". (8). Do estudo dos térmitas surge o conceito de **Trofalaxia**, a transmissão de mensagens químicas boca a boca que comunicam aos indivíduos as ações; "a **trofalaxia** é responsável por essa harmonia de ações... o conceito de superorganismo foi formulado pelo entomologista norte-americano W. M. Wheeler.. . ao sugerir que cupinzeiros, colmeias e formigueiros fossem estudados como simples indivíduos", (9)

Outro conceito básico, o qual, por analogia, pode ter alguma relação com o comportamento humano em multidão, é o de **ferormônio**; como explica o etologista da Sorbonne, Rémy Chauvin: "O vocábulo hormônio entra no termo porque a sua ação é inteiramente comparável. . . aquilo que observamos na hipótese de um hormônio segregado no interior do organismo. Mas os ferormônios são emitidos do lado de fora do corpo por glândulas especializadas (donde o segundo elemento componente do termo; do grego pherô, levo, trago)". (10)

E o mais chocante são as descobertas da Psicologia Comparada, quando, para inquietação geral, conclui que "human beings may also be influenced by pherormones". (11)-"O eleito MacClintock: Em 1967 MacClintock estudou a sincronização progressiva das regras em mocinhas que vivem em pequenos grupos no mesmo quarto. . . É provável. . . que um determinismo olfativo (totalmente inconsciente) esteja em jogo." (12) Deste modo, como já foi provado que a eliminação de esteróides na urina tem relação com situações de *stress*, talvez possa haver, em hipótese, alguma base química no comportamento coletivo humano como há em outros mamíferos de rebanho; algum hormônio olfativo do corpo social, ferormônio.

Aldous Huxley, notório autor de *Admirável Mundo Novo*, também foi um reconhecido pesquisador das formas químicas de alteração da percepção e consciência, tendo incluído



entre elas a *multidão*, em um ensaio de 1956: "O indivíduo faz contato direto com a sociedade de dois modos - como membro de um grupo familiar, profissional ou religioso, ou como membro de uma multidão... . Um homem na multidão perde sua identidade pessoal e é por isso, é claro, que ele gosta de estar em multidões. A identidade pessoal é a coisa que ele quer transcender, à qual ele quer escapar... um homem na multidão comporta-se como se tivesse engolido uma dose enorme de um intoxicante poderoso. Ele é vítima do que pode ser chamado envenenamento de massa. Como o álcool, o envenenamento de massa é uma droga ativa e extrovertida. Ela altera a qualidade de consciência individual... o indivíduo embriagado pela massa escapa do eu isolado para uma espécie de irracionalidade. . . As multidões lhe proporcionam as férias psicológicas. . . a intoxicação por envenenamento de massa. . . Os seres humanos anseiam pela autotranscendência, e embriagar-se com veneno de massa é um dos métodos mais eficazes para tirar férias do ego isolado e das cargas de responsabilidade. . ." (13)

Deste modo, a **intoxicação por multidão** seria uma fuga da pressão constante da sociedade, um escape do *id*, uma evasão de assumir responsabilidade diluindo-se na massa humana, sendo anônima célula do corpo da multidão cuja existência como mente coletiva talvez deva-se a ferormônios a serem identificados pela Sociobiologia nas futuras pesquisas.

O termo de Huxley, "**veneno de massa**", ergue a possibilidade deste ter intuído a existência e o poder embriagador dos ferormônios gerados pela proximidade física, requisito básico do conceito de multidão, e nesta proximidade olfativa: "crowd - a temporary grouping of individuals with a common focus or interest, in physical proximity." (14)

Tal proximidade física estaria, evidentemente, no limiar da percepção olfativa, o que é óbvio pelo aglomerado de pessoas tocando-se, empurrando-se e suando (recorde-se que o olfato é um sentido de base essencialmente química), característico de qualquer multidão, o que vem de encontro a esta hipótese dos ferormônios.

"Segundo o otorrinolaringologista Paulo Augusto de Lima Pontes, da Escola Paulista de Medicina, basta que **apenas dez moléculas** alcancem a câmara olfativa do nariz para que determinado odor seja sentido;" (15) "evidências recentes mostram que o tamanho e a forma das moléculas são os principais determinantes do odor." (16)

Contudo, recorde-se o Efeito MacClintock do ciclo menstrual de estudantes; tais ferormônios teriam efeitos subconscientes, ou seja, a comunicação química dos ferormônios



de massa afetaria, de forma subliminar da consciência, o subconsciente, excitando o complexo R do cérebro, como será exposto adiante.

"A multidão resulta de um acúmulo de sentimentos individuais que, por sua intensidade, anulariam a consciência. há uma *fusão de consciência...* uma fusão psíquica, pela qual uma mesma idéia de cada um se transforma em uma idéia de todos, que cria um *clima...* Todos os que estiverem dentro desse *campo de comunicação* são contagiados pelo mesmo clima emocional." (17) Esta atmosfera, este clima, a que se referem tantos variados autores, leva a crer que haveria "algo no ar" que alteraria o comportamento dos indivíduos. Este "algo no ar" poderia ser um ferormônio olfativo.

Segundo Cândido Teobaldo de Souza Andrade, **a formação de uma multidão obedeceria a 4 estágios:**

1) acontecimento emocionante - chega ao indivíduo (muitas vezes transmitido pela Televisão ou outro Meio de Comunicação de Massas) a informação de um fato que o emociona, o toca ou sensibiliza;

2) "milling" (moedura) - como em um moinho, os indivíduos encontram-se, chocam-se entre si, e a excitação de cada um é assimilada pelos demais em um crescendo;

3) imagem - um objetivo comum começa a tomar forma, uma figura concreta;

4) ação - a multidão executa o objetivo, vai às vias de fato-arrastão ou linchamento como fato social e antropológico.

Um exemplo concreto seria o linchamento:

1) a população sabe pela televisão que o estuprador de meninas de 4 anos foi capturado e está na Delegacia sendo interrogado; 2) o boato corre de boca em boca, cada vez mais exaltado (talvez aí já haja um ferormônio em ação); 3) surge a idéia concreta de que aquele criminoso deve ser punido, justificado imediatamente, e 4) o linchamento ocorre.

Teobaldo ainda apresenta a *anatomia da multidão* , na qual haveria **um núcleo cego e surdo a quaisquer estímulos divergentes da ação tomada**, e uma **periferia** não totalmente obcecada pelo ato (talvez a frequência ou intensidade de moléculas do hipotético ferormônio seja maior neste denso núcleo).

Quatro seriam também os tipos de multidão:

a) eventual, ocasional, casual - espectadores de um acidente na via pública; b) expressiva ou dançante - os jovens em um *show* de *rock* , ou os que acompanham um trio



elétrico ou escola de samba; c) convencional, auditório, platéia, assistência - torcedores de um jogo de futebol; d) ativa, ou *mob*.

Este quarto tipo é o mais interessante e controverso, pois, "... como frisou Scipio Sighele, "multidão sentada é meia multidão". (18)

"Tem, assim, a multidão ativa ou *mob*, as seguintes características: a) é um grupo espontâneo; b) são indivíduos reunidos por laços de contiguidade física; c) número limitado de membros; d) age baseada em impulsos, sendo inconstante, sugestionável e irresponsável." (19), Segundo Le Bon: "Pouco aptas para raciocinarem, as multidões são extraordinariamente aptas para a acção". (20) Tal fato explica-se pelas recentes teorias cerebrais do Dr. Paul MacLean, nas funções do complexo R, a serem abordadas adiante. Como afirma o psicólogo social Freedman, "... os indivíduos perdem a noção de responsabilidade pessoal quando estão em grupo... os membros de um grupo dividem de algum modo, essa responsabilidade entre todos eles. . . . Dá-se a isso, por vezes, o nome de difusão da responsabilidade ou desindividuação. . . . Uma implicação da desindividuação é que tudo o que torna os membros de um grupo menos identificáveis aumenta o efeito". (21) Quanto mais anônimo, mais fora de si (algo que Huxley denominaria transcendente) e mais passível de enquadramento em algum ilícito penal. Apesar de várias doutrinas criminais tentarem em vão imputar pena e identificar "bodes expiatórios", o problema dos saques a supermercados (furto famélico) e linchamentos continua juridicamente sem castigo. Como exemplo de doutrinas penais versando sobre o Crime Multitudinário, ou crime de multidão em tumulto, há a "parelha criminosa" de Sighele, na qual um *incubus* (sugestionador) influencia o *súccubus* (sugestionado), tentando, assim, levantar um ou mais agitadores" como bodes-expiatórios dos saques, depredações e linchamentos. Segundo o jurista Luis Jimenez de Asúa, "ei concepto psicoanalítico de la imputabilidad no se mide por el estado peligroso del agente. . . sino por la participación del yo consciente en la conducta del agente". (22). Ora, considerando o fato já aceito até mesmo pelos diplomas legais do irresponsável, desindividualizado, envenenado (talvez por ferormônios, incontroláveis como todas as sensações olfativas) comportamento coletivo de multidão, fica evidenciada a alteração comportamental, já afirmada por Le Bon e Freud. Um exemplo de tal aceitação é o Código Penal Brasileiro, o qual, em seu artigo 48, circunstâncias atenuantes, inciso IV, letra e, afirma ser **circunstância que atenua a pena** ter o agente cometido o crime sob influência de multidão em tumulto.

Deste modo, a multidão seria uma horda na qual o homem regressaria ao estágio mais primitivo, réptil mesmo, não podendo ser responsabilizado a *posteriori* por seus atos, quando **sob intoxicação por multidão.**

Cabe ainda lembrar que toda atribuição de culpa, rotulação como criminoso, ocorre, juridicamente falando *ex tunc*, retroagindo, como ficção jurídica; "la culpabilité est un concept artificiel. C'est ia condamnation qui la fait exister à effet retroactit. Prononcée le jour du jugement, la culpabilité remonte au jour où St. Paul disait que c'est la bi qui crée le péché (Romains, 7, II). Nous pouvons dire aussi que c'est la condamnation prononcée par le juge qui crée la culpabilité". (23)

Nos crimes de multidão, juridicamente atenuante, tal julgamento retroativo seria inválido devido a os réus não serem responsáveis por seus atos. A multidão tornaria o homem (entendido como racional, neocórtex cerebral) algo inferior, animalesco, infantil, anti-humano. "Entre homem e multidão há, pois, uma antinomia." (24)

"Autonomia é um comportamento puramente individual. Um grupo de indivíduos autônomos agindo é um paradoxo, uma contradição propriamente dita... autonomia implica necessariamente posições separadas, individuais, próprias, não-agrupáveis." (25) Ou seja, os predicados atribuídos ao humano não cabem aos indivíduos de uma multidão, a qual tem uma consciência própria, e intoxica seus participantes.

Um líder espiritual indiano e ex-professor de filosofia explica estas questões de um ponto de vista divergente do ocidental, porém complementar, segundo OSHO, no livro “Autobiografia de um místico espiritualmente incorreto” páginas 224 a 229:

“Na Índia, o ego nunca foi incentivado a crescer-desde o início, fomos contra o ego (...) É porisso que não apenas na espiritualidade, mas também na política, alguns fenômenos só conseguem existir no ocidente; o fascismo conseguiu existir, por exemplo, ele se tornou possível na Alemanha, que é o país mais egoísta do ocidente (...) comícios –monstro nazistas, milhões de pessoas marchando-vocês podem esquecer-se de si mesmos, vocês mesmos não precisam estar presentes”.

Osho descreve a dissolução do ego como um alívio da pressão e estresse das grandes cidades ocidentais e seu modelo competitivo e egoísta; comparando a ausência de ego e o nirvana do budismo e do zen; para ele, as multidões seriam um descanso do excesso de solicitação do ego ocidental no qual todos dissolvem sua responsabilidade e livre-arbítrio

relaxando na torrente da multidão, o que reitera conceitos de intoxicação ou envenenamento multitudinário.

Um exemplo de multidão deu-se em julho de 1987, no Rio de Janeiro, quando "num confronto sangrento e enlouquecido que se prolongou até o fim da tarde de terça-feira, uma multidão de 30.000 pessoas incendiou sessenta ônibus e destruiu as vidraças e carrocerias de outros 100... Mais de uma centena de pessoas foram presas, cinquenta saíram feridas com os choques com a PM, mas, no final, para efeitos práticos, a baderna levou a melhor". (26)

Tal crime multitudinário de dano à propriedade e violência generalizada deu-se, "como é de se esperar que ocorra quando uma autoridade congela preços e outra descongela", (27) devido ao Meritíssimo Juiz da 2ª Vara da Fazenda Pública do Rio de Janeiro, Dr. Ivaldo Corrêa de Souza, que, em pleno "congelamento cruzado", autorizou aumento de 49% no preço das passagens. Tantas frustrações e engodos demagógicos levam a população a extravasar suas emoções desse modo brutal, fazendo o circo pegar fogo, já que sentem-se palhaços e nem têm o pão do "panem et circenses".

Diversos casos de crimes multitudinários podem ser arrolados à guisa de uma amostragem aleatória simples:

Após um ataque coletivo nas praias do Rio de Janeiro **televisado para todo o Brasil**, quando gangues realizaram um saque coletivo aos turistas e banhistas, similar a uma rede de pesca arrastada varrendo todo o fundo do mar, os assaltos multitudinários passaram a chamar-se **ARRASTÃO**, como roubo indiscriminado de dinheiro, jóias, telefones celulares, sapatos, roupas e tudo o que puder ser tomado à força e velozmente pela multidão assaltante, e tais arrastões repente-se em praias por todo Brasil, **contaminação multitudinária propagada pela televisão**.

No carnaval de 2003 ao lado de fora do SAMBÓDROMO da Marquês de Sapucaí no Rio de Janeiro, tropas militares com efetivo de 3 mil soldados treinados do exército brasileiro patrulhando as ruas não inibiram a multidão ocorrendo outro ARRASTÃO no domingo de carnaval. .

Finalmente, surge a hipótese de controle da multidão, a qual, segundo Teobaldo, não pode ser detida, como o estouro de uma boiada. O único modo de evitar o "estouro da boiada" da multidão é dado por Teobaldo: "Para evitar a formação de uma multidão, ou par a tentar dissolvê-la, é necessário dirigir, de novo, a atenção de seus membros para outros focos, de

molde a não permitir que se estabeleça um objetivo comum. E isto é exato se lembrarmos que a mob, para agir, precisa ter sua atenção voltada para uma direção apenas. Em resumo, o controle de uma multidão só é possível quando se consegue evitar que sua atenção seja focalizada, coletiva-mente, em um só objetivo". (28).

Por outro lado, saindo das técnicas psico-sociais, pode-se também apelar para técnicas químicas de dissolução de uma dada multidão, sem recorrer à hipótese do futuro emprego de ferormônios. Tais técnicas químicas são oriundas da I Guerra Mundial, quando foram esboçadas as primeiras experiências de Guerra Química ou Guerra de Gases. "Foi o exército francês quem empregou pela primeira vez gases contra uma posição inimiga (tratava-se de gases lacrimogêneos). Desde 1912 que a Gendarmerie Francesa utilizava o éter bromoacético para combater certas organizações de delinquentes. . . o lacrimogêneo aparentemente inócuo. . . continua a ser utilizado profusamente. Deste gênero é o gás CS, fabricado na Grã-Bretanha e exportado para 60 países, utilizado não apenas para manutenção da ordem pública." (29); Assim sendo, vindo a multidão urbana pela avenida, bastaria pulverizar o gás adequado ou atirar as granadas de gás que o pouco vento entre os prédios possibilitaria a concentração por tempo suficiente para dissolver uma multidão tossindo, com olhos vermelhos lacrimejando (e incapaz de ver os outros e se sentir psicologicamente anônima e desindividualizada, incapaz também de farejar ferormônios).

Entrevistado, o Sargento estudante da P.M. Albert Vandenbrande, que participou, a convite, de ações da Tropa de Choque em Praia Grande, SP, afirmou que, ao atirar centenas de *minival* (granadas de gás) e disparar para o alto, o efeito moral fez recuar uma multidão estimada em mil cidadãos.

Outras tecnologias de dissolução de multidão implicam em armas sônicas ou de luzes combinadas.

WATSON, PETER, no livro WAR ON THE MIND: the military uses and abuses of Psychology, Basic Books Publishers, 1978, ISBN 0-465-0965-6, página 422, revela outro segredo do Exército dos USA; que em 1973 Allen Internacional publicou o registro de um canhão para dissolver multidões urbanas, o "**PHOTIC DRIVER**" que pulsa sons que reverberam nos edifícios sincronizados com flashes de luzes piscando rapidamente, refletindo nas paredes dos edifícios; o barulho e as luzes causam náuseas na multidão, mas o risco de ataques epiléticos registrados nos testes levou ao arquivamento do protótipo experimental.

Pulsos de som em certas frequências podem deixar a multidão enjoada ou até causar ataques epiléticos induzidos sônicamente por padrões de ondas repetidas ritmicamente; tais padrões podem ser baixas frequências, até inaudíveis (subliminares), segundo Peter, um protótipo empregado em uma manifestação da Irlanda do Norte dispersou uma multidão de manifestantes católicos com notas agudas dolorosas.

A **GRANADA SÔNICA BANSHEE** seria o TOP de linha em armamento de dissolução de multidão já do Século XXI; pesa 3 ounce e é do tamanho de uma maçã, patente de Fariborz Bzorgi, engenheiro decano do Y-12 (national security complex in oak ridge, tennessee), que comanda equipe de 2.500 pesquisadores e cientistas, o mais bem pago gerente de projeto interdisciplinar de biofísica, o y-2 teria desenvolvido o projeto manhatan, das bombas atômicas na II Guerra Mundial, Hiroshima, Atol de Bikini, etc, sendo o top de linha de miniaturização nanotecnológica esta granada de som banshee, conforme a revista "Popular science" de abril de 2003 p.92.

Historicamente, pode-se considerar o primeiro texto versando sobre a psique no Ocidente o *Da Alma*, de Aristóteles. "Aristóteles não concebe uma única alma. Na verdade. . . essas se hierarquizam em três grandes categorias: (1) a nutritiva, (2) a animal, (3) e a racional ou inteligível. . . A alma nutritiva, característica das plantas, está presente em todos os animais. A alma sensitiva possui a função de perceber... sentir prazer e dor. . . desejo. . . Acima da alma sensitiva há a alma racional, própria do homem." (43)

Séculos após Aristóteles encontramos teorias psiquiátricas sobre o funcionamento e fisiologia cerebral que podem lançar alguma luz sobre estas formas tripartidas de comportamento coletivo. "O biólogo interessado em questões de Fisiologia e História Evolucionária percebe. . . centros de controle emocional localizados no hipotálamo e no sistema límbico do cérebro." (44) "Na evolução zoológica, o cérebro visceral, que corresponde anatomicamente ao id, não teve grande desenvolvimento, comparando-o com o córtex pré-frontal... é o desenvolvimento crescente da cerebralidade." (45)

No Laboratório de Evolução do Cérebro e do Comportamento em Maryland, entidade mantida pelo Instituto Nacional de Saúde Mental, o Dr. MacLean, chefe de pesquisa, desenvolve estudos de fisiologia comparada na ótica darwinista da psicologia comparada norte-americana, chegando à interessante hipótese dos três cérebros. "No centro de nosso cérebro se localiza o primitivo complexo R, ou cérebro reptiliano, responsável pela



autopreservação. É aí que nascem nossos mecanismos de agressão, de comportamento repetitivo e nossas ações impensadas. Com a emergência dos mamíferos primitivos, uma segunda camada - o cérebro límbico - se desenvolveu em torno do complexo R. Esse cérebro comanda os comportamentos necessários à sobrevivência da espécie e do próprio ser. O amor e o cuidado com os mais jovens são invenções dos mamíferos e se originam no complexo límbico. A ligação emocional entre mãe e filho é a raiz evolucionária da família unida e das ligações sociais em geral. O neocórtex, nossa mais recente estrutura cerebral, é um complexo altamente desenvolvido de células nervosas que produz a linguagem simbólica e nos dá condições de desempenhar tarefas intelectuais como a leitura, a escrita e o cálculo matemático. O neocórtex é o gerador de idéias - ou, como diz o Dr. Paul MacLean, ele é a mãe da invenção e o pai do pensamento abstrato." (46)

Ora, lembrando o linchamento, podem-se atribuir à multidão irracional que agride, que saqueia supermercados e age talvez envenenada por ferormônios animais, efetuando o inimputável crime multitudinário, as funções predominantes do Complexo R, ou seja, o cérebro réptil (*olfactostriatum, corpus striatum - caudatus nucleus et putamen - globus pallidus etc..*) de agressividade e alimentação (o *Id*).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A presença física dos indivíduos em Multidão permite que seja levantada a hipótese biomidiológica da presença de algum ferormônio, hormônio do corpo social, que influencia o comportamento do núcleo da multidão olfativamente, tornando os indivíduos embriagados, irracionais e incontroláveis, não podendo ser até mesmo responsabilizados pelos crimes multitudinários que ocasionalmente venham a cometer no clima, na atmosfera da multidão, a qual, aparentemente, só pode ser detida com o emprego de gases, como o éter bromoacético (gás lacrimogênio) ou armas sônicas como a granada **BANSHEE** ou o canhão "**PHOTIC DRIVER**" .

Estas comparações poderão, em estudos futuros, ser aprofundadas e detalhadas, por exemplo, com estudos de casos onde se identifique exatamente qual complexo de neurônios cerebral foi predominante no processo decisório de cada forma descrita, quais neurotransmissores atuam bioquimicamente, e eventualmente, se possam prescrever métodos



de comunicação específicos cujas mensagens possam alterar para melhor os processos mentais do indivíduo frente às controvérsias sociais em cada forma de comportamento coletivo manifestada no ambiente urbano disseminada por programas noticiosos televisivos.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cândido Teobaldo de Souza ANDRADE, *Psico-sociologia das relações públicas*, p 20.
2. ENCYCLOPAEDIA of Psychology, v. 1, A-F, p. 234-5.
3. Sigmund FREUD, *Tótem e tabu*, p. 181.
4. _____. *Psicologia de grupo e a análise do ego*, p. 101.
5. Solomon ASCH, *Psicologia social*, p. 208.
6. Maria Benedita DELLA TORRE, *O homem e a sociedade*, p. 106.
7. Paulo Doura de GUSMÃO, *Manual de sociologia*, p. 112.
8. Gustave LE BON, *As opiniões e as crenças*, p. 60-1.
9. "A sociedade dos cupins". In: *Superinteressante*, n.^o 2, ano 2, p. 25.
10. Rémy CHAUVIN, *A etologia*, p. 163.
11. Norman T. ADLER, "The biopsychology of hormones and behavior". In: *Comparative psychology*, P. 326.
12. Rémy CHAUVIN, op. cit., p 145.
13. Aldous HUXLEY, *Moksha*, p. 156-9
14. George A. THEODORSON, *A modern dictionary of sociology*, p. 90.
15. Lúcia Helena de OLIVEIRA, "O Sentido da vida". In: *Superinteressante*, n.^o 1, ano 2, p. 72.
16. R. H. DAY, *Psicologia da Percepção*, p. 26.
17. Leôncio BASBAUM, *História e consciência Social*, p. 161-2.
18. Cândido Teobaldo de Souza ANDRADE, *Op. cit.*, p. 25.
19. _____. *Para entender relações públicas*, p. 14.
20. Gustave LE BON, *Psicologia das multidões*, p 4.
21. Jonathan FREEDMAN, *Psicologia Social*, P. 202.
22. Luis JIMENEZ DE ASUA, *Psicoanálisis criminal*, p. 55.
23. STANCIU, *Essais de Psycho-sociologie criminelle*, P. 160.



24. Mário Gonçalves VIANA, *Psicologia das multidões: Infantis e adultas*, p. 9.
 25. Ciro MARCONDES FILHO, *Violência das massas no Brasil*, p. 16.
 26. VEJA, 8 de Julho de 1987, p. 18.
 27. OP. cit. p. 20.
 28. Cândido Teobaldo de Souza ANDRADE, *Para entender relações Públicas*, p. 14-5
 29. A GUERRA E O DESARMAMENTO, p. 90-2.
 30. Cândido Teobaldo de Souza ANDRADE, *Psico-sociologia das relações públicas*, p. 27.
 31. José ORTEGA Y GASSET, *A rebelião das massas*, p. 52.
 32. Cândido Teobaldo de Souza ANDRADE, *Psico~sociologia das relações públicas*, p. 29.
 33. Erich FROMM, *O medo à liberdade*, P. 161-2.
 34. Sigmund FREUD, *Moisés e o monoteísmo*, p. 131.
 35. Wilhelm REICH, *Psicologia de massa do fascismo*, p. 47
 36. Roger MUCCHIELLI, *A Psicologia da publicidade e Propaganda*, p.8
 37. Karl MARX *apud* Hector p AGOSTI. *Condições atuais do humanismo*, p. 103.
 38. Bárbara FREITAG, *A teoria crítica ontem e hoje*, p. 73.
 39. Herbert MARCUSE, *Eros e civilização*, p .103.
 40. Waldenyr CALDAS, *Cultura de massa e Política de comunicação*, p. 30.
 41. Cândido Teobaldo de Souza ANDRADE, *Psico-sociologia das relações públicas*, p. 35-6.
- L
42. Luiz Miller de PAIVA, *Crime ... tanatismo*, p. 38-9
 43. Antonio Gomes PENNA, *História das idéias Psicológicas*, p. 63-4.
 44. Michel RUSE, *Sociobiologia*, p. 224.
 45. Luiz Miller de PAIVA, *op. cit.*, ia. 21.
 46. Mary LONG, "Ritual e perfídia". In: *Ciência ilustrada*, n.^o 3, p. 99.



5. BIBLIOGRAFIA.

1. CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. “Para uma abordagem multidisciplinar dos comportamentos coletivos” In: *Leopoldianum*. Unisantos,14(45):69,1989.
2. CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. *Propaganda Subliminar Multimídia*. 6.edição, São Paulo, Summus Editorial, 2000. (Coleção Novas Buscas em Comunicação, vol.42)
3. CALAZANS. Flávio Mário de Alcântara. *ECOLOGIA E BIOMIDIOMOLOGIA*, São Paulo: Editora Plêiade, 2002, ISBN 85-85795-59., 160 páginas.
4. FREUD, Sigmund. *Totem e tabu*. Rio de Janeiro:Imago,[1974].
5. FREUD, Sigmund.*Psicologia de grupo e análise do ego*. Rio de Janeiro:Imago,[1976].
6. KEITH, Jim. *Mass control:engineering human consciousness*. USA: iluminet press, 1999.
7. LeBon, Gustave. *Psicologia das multidões*. [s.c.p.],[lisboa],[1908].
8. MOSCOVICI, Serge. *La era de las multitudes: un tratado historico de psicologia de las massas*. Mexico, Fondo de cultura economica, 1993.
9. ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das Massas*. Rio de Janeiro:Livro íbero-americano, 1971.
10. OSHO, *Autobiografia de um místico espiritualmente incorreto*. São Paulo: Cultrix, 2000.
11. REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. publicações escorpião,[s.c.p.], [s.d.].



12. RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo:Perspectiva, [1971].

13. TCHAKHOTINE, Serge. *A mistificação das massas pela propaganda política*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1967.

(A BIOMIDIOLOGIA é um neologismo de propriedade intelectual de Flávio Mário de Alcântara Calazans e pelos Direitos de Autor deve ser citada sempre com a referência a seu autor; a BIOMIDIOLOGIA foi registrada na Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura aos 16 de janeiro de 2002, registro 249.607, livro 444, folha 267 como descoberta científica de Flávio Mário de Alcântara Calazans).